

RECONSTRUINDO AS PERDAS PELAS PALAVRAS: A CLÍNICA PSICANALÍTICA NO ENFRENTAMENTO DO LUTO

Linonrose Vieira da Silva
Luan Paris Feijó

Resumo: O luto, fenômeno universal e multifacetado, desafia a compreensão e o cuidado clínico. Este artigo examina abordagens psicanalíticas clássicas e contemporâneas, explorando intervenções, eficácia e potencial transformador do processo de luto. A pesquisa realizou uma revisão narrativa da literatura entre 2019 e 2025, com ênfase em estudos de caso e evidências qualitativas associados ao manejo psicoterapêutico do sofrimento pela perda. Destacam-se contribuições de Freud, Klein, Lacan, Neimeyer, Hagman e outros, discutindo desde a distinção entre luto e melancolia à crescente valorização das singularidades do sofrimento. A análise evidencia a importância da escuta atenta, da construção de sentido e de práticas inovadoras, como rituais coletivos e intervenções online, especialmente após a pandemia de COVID-19. Apesar dos avanços teóricos e práticos da psicanálise, há desafio persistente de validação empírica da prática profissional. Conclui-se que a psicanálise oferece recursos sensíveis ao luto, mas a produção científica precisa ser ampliada para fortalecer sua relevância clínica.

Palavras-chave: Psicoterapia; Intervenções psicanalíticas; Luto.

Abstract: Grief, a universal and multifaceted phenomenon, challenges clinical understanding and care. This article examines classical and contemporary psychoanalytic approaches, exploring interventions, efficacy, and transformative potential for the grieving process. The research conducted a narrative review of the literature between 2019 and 2025, with an emphasis on case studies and qualitative evidence associated with the psychotherapeutic management of grief due to loss. Contributions by Freud, Klein, Lacan, Neimeyer, Hagman, and others stand out, discussing everything from the distinction between mourning and melancholy to the growing appreciation of the singularities of suffering. The analysis highlights the importance of attentive listening, the construction of meaning, and innovative practices, such as collective rituals and online interventions, especially after the COVID-19 pandemic. Despite theoretical and practical advances in psychoanalysis, there is a persistent challenge in empirically validating professional practice. It is concluded that psychoanalysis offers resources sensitive to grief, but scientific production needs to be expanded to strengthen its clinical relevance.

Keywords: Psychotherapy; Psychoanalytic interventions; Grief.

1 INTRODUÇÃO

O luto é uma experiência universal que permeia a vida humana, manifestando-se como uma resposta emocional à perda de um objeto significativo de apego (Freud, 1917). Essa complexidade pode variar em intensidade e duração, impactando na saúde mental e na qualidade de vida do indivíduo. No campo da psicanálise, encontram-se abordagens teóricas que fornecem um arcabouço para a compreensão e o tratamento das diversas facetas do luto.

Freud, em sua obra "Luto e Melancolia" (1917), estabelece uma distinção entre os processos de luto e melancolia, discutindo como a internalização da perda pode gerar impactos emocionais significativos.

Em Luto e Melancolia (Freud, 1917), o luto é considerado um processo natural e necessário para a superação da perda, envolvendo uma retirada gradual da energia libidinal do objeto perdido, o que permite ao indivíduo reinvestir essa energia em novos relacionamentos. Contudo, apesar do valor reconhecido da psicanálise no tratamento do luto, observa-se uma escassez de investigações empíricas que validem a eficácia dessa abordagem em contextos clínicos contemporâneos.

Uma compreensão mais aprofundada do luto e de suas manifestações é importante não apenas para a prática clínica, mas também para a pesquisa acadêmica. Assim, o presente artigo visou descrever as intervenções psicanalíticas no tratamento do luto, com foco na questão central: como as intervenções psicanalíticas têm sido aplicadas no tratamento do luto e quais são os resultados terapêuticos? Para isso, foram estabelecidos critérios de inclusão de pesquisa que contemplem artigos publicados entre os anos de 2019 e 2025, abordando especificamente intervenções psicanalíticas em contextos de luto.

A pesquisa concentrou-se na análise bibliográfica de estudos de caso e investigações recentes que demonstram a aplicação de técnicas psicanalíticas no manejo do luto, enfatizando os mecanismos de mudança envolvidos e considerando indicadores de melhora clínica. Além de buscar evidências em artigos científicos, a pesquisa também recorreu a livros, uma vez que os psicanalistas frequentemente utilizam essa forma de registro para documentar os resultados alcançados em suas práticas.

Através dessa análise, buscou-se o conhecimento sobre como a psicanálise pode auxiliar no processo de luto e resgatar a relevância dessa abordagem, que frequentemente é ofuscada por tendências terapêuticas mais comportamentais e imediatas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Freud, em sua obra "Luto e Melancolia" (1917), estabelece distinções fundamentais entre essas duas condições, esclarecendo que o luto é um processo saudável e adaptativo, enquanto a melancolia pode ser vista como uma resposta patológica à perda. Para Freud, o luto envolve uma integração gradual da perda e um reinvestimento emocional em novos objetos de apego, enquanto a melancolia é marcada por um estado de paralisia emocional e identificação dolorosa com o objeto perdido. O autor sugere que o trabalho de luto é gradual e

lento, onde o ego é persuadido a romper sua ligação com o objeto perdido: “Confiamos em que seja superado após certo lapso de tempo, e julgamos inútil ou mesmo prejudicial qualquer interferência em relação a ele” (Freud, 1917, n. p).

Lacan (2005) expande a discussão sobre o luto ao integrá-lo à sua teoria do desejo e à noção de identificação com o objeto perdido. Segundo ele, o luto envolve um complexo trabalho de rememoração e reconstrução dos vínculos afetivos em relação ao objeto "a", que simboliza o que foi perdido. Lacan sugere que essa perda está diretamente ligada ao desejo, onde a ausência do objeto é sentida como um vazio, resultando na necessidade de o sujeito elaborar essa falta por meio de novas formações de desejo e de subjetividade (Lacan, 2005, p. 363).

O caráter de objeto cedível, que pode ser deslocado ou perdido, é uma característica importante do objeto “a” de Lacan e ele sugere que os pontos de fixação da libido estão sempre em torno de momentos que oferecem uma estrutura de cessão subjetiva (Lacan, 2005, p. 363). Lacan (2005) sugere que o "objeto a" é crucial para entender a angústia, pois é através deste objeto que o sujeito (a pessoa que sente a angústia) experimenta e articula sua experiência subjetiva de falta e desejo. A angústia não é apenas uma emoção, mas uma resposta ao vazio deixado pela ausência do objeto desejado, que nunca pode ser completamente alcançado. (Lacan, 2005, p. 55).

As fixações da libido não são estáticas; elas são influenciadas por experiências e momentos significativos que permitem a pessoa reorganizar suas ligações emocionais. Essa dinâmica é importante para entender como os indivíduos lidam com perdas, desejos e mudanças em sua vida emocional — especialmente no contexto do luto e da elaboração emocional, temas com os quais a psicanálise está profundamente preocupada. Essa ideia implica que a capacidade de "ceder" ou "transferir" esse investimento emocional é parte integrante do processo de crescimento psíquico e da resolução de conflitos internos (Lacan, 2005, p. 362-363).

Complementando essa discussão, Klein (1940/2023) apresenta outra perspectiva sobre o luto, ao afirmar que ele não se limita a uma reação à perda externa, mas também abrange a perda interna de objetos amados, indissociáveis do mundo psíquico do indivíduo. Segundo Klein (1940/2023), essa experiência está profundamente ligada a ansiedades infantis, envolvendo um processo de reparação interna das relações objetais danificadas (Klein, (1940/2023, p. 387-388).

Klein (1940/2023) enfatizou a importância das relações objetais na experiência emocional do indivíduo. Para Klein, o luto não é apenas uma resposta à perda de um objeto

externo, mas também envolve uma complexa dinâmica de perdas internas relacionadas a objetos amados que são essenciais para a construção do mundo psíquico.

Em sua teoria, Klein (1940/2023) postula que a forma como o indivíduo lida com a perda de um objeto de apego está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento de suas relações objetais. A dor da perda não se restringe a um luto relacionado a figuras externas, mas é um processo que remete às interações e internalizações das relações em sua infância. Quando um objeto amado é perdido, o indivíduo não apenas sente a falta desse objeto, mas também precisa enfrentar as ansiedades associadas à sua idealização e ao seu significado interno (Klein, 1940/2023, p. 386).

Klein (1940/2023) argumenta que o luto comporta um processo de reparação — um movimento interno pelo qual o sujeito tenta restaurar a relação com o objeto perdido. Esta reparação é dual: primeiro, envolve a elaboração da dor da perda e, segundo, busca reconstruir o vínculo emocional que foi rompido (Klein, 1940/2023, p. 388). Essa dinâmica de reparação é muitas vezes marcada por algum sentimento de culpa ou de ambivalência, uma vez que os sentimentos de amor e ódio coexistem em relação ao objeto idealizado.

Além disso, ela destaca que o processamento do luto pode levar a um desenvolvimento emocional mais profundo. A capacidade de lamentar e elaborar a perda pode ajudar o sujeito a amadurecer nas suas relações futuras e a estabelecer novos laços mais saudáveis (Klein, 1940/2023, p. 445). Ao enfrentar as ansiedades inseparáveis do luto, o indivíduo pode transformar a dor em uma forma de crescimento psíquico, permitindo que ele encontre novos significados e formas de apego (Klein, 1940/2023, p. 455).

Dunker (2019) postula que o papel do psicanalista no processo de luto é fundamental para a elaboração e simbolização da perda. A análise psicanalítica pode ser entendida como um processo de luto, onde o paciente atravessa suas identificações e separa a pulsão da fantasia. Nesse contexto, o desejo do analista é formado por um luto, e a travessia do fantasma representa um luto. A transmissão da psicanálise, portanto, é a transmissão de um luto, onde o psicanalista se torna um objeto que cai para cada paciente, facilitando a elaboração da perda (Dunker, 2019).

Para Eizirik *et al.* (2015), a compreensão psicanalítica do luto enfatiza a ambivalência nas relações humanas e o papel da hostilidade inconsciente em relação à pessoa perdida. Para a psicanálise, segundo os autores, nesses casos, o luto tem uma função psíquica específica: desligar as lembranças e esperanças dos sobreviventes em relação aos mortos, permitindo que o sofrimento diminua e novas ligações afetivas sejam formadas.

Segundo Eizirik *et al.* (2015), dois sentimentos derivam da presença da ausência do objeto e são representados pelas cores vermelha e preta: O luto da cor vermelha, está associado à raiva, fúria e desespero assassino. Representa o sentimento de ódio dirigido ao objeto perdido, com o qual o indivíduo está identificado. É uma expressão de revolta contra a perda e o abandono. O Luto da cor preta ou negra, se relaciona ao afeto de desolação e à sensação de infinita escuridão. O ego se sente abandonado pelo objeto perdido e pelas forças protetoras do superego, levando a momentos de extremo sofrimento. Nesses casos, o indivíduo pode sentir-se indigno de amor e até desejar morrer. Os autores concluem que essas dimensões podem ser observadas na contratransferência do terapeuta, que ajuda a identificar se o paciente está vivenciando sentimentos de raiva ou desolação profunda (Eizirik *et al.*, 2015).

Neimeyer (2011) apresenta em seus artigos a questão importante da busca do sentido para o luto das pessoas que vivenciaram perdas importantes em suas vidas. Segundo ele, a perda interrompe as autonarrativas e frequentemente desencadeia uma busca involuntária por significado na experiência e na vida transformada. Para ele, os processos de criação de sentido e busca de benefícios são cruciais para a adaptação ao luto. Esses processos incluem reconstrução de narrativas, exploração espiritual, apoio social e práticas terapêuticas (Niemeyer, 2011).

O autor sugere que a reconstrução de significado no luto deve ser uma prioridade terapêutica e encoraja pesquisadores e profissionais a explorar esse tema de forma mais profunda. Ele propõe a reconstrução de narrativas como uma forma de integrar a experiência em uma nova história de vida que ofereça propósito e conexão. Recomenda-se o uso de métodos narrativos, rituais e práticas expressivas para processar a perda e reconstruir o significado. Além disso, ele sugere a participação em rituais, serviços memoriais e ações sociais que promovam um senso de conexão e propósito coletivo (Niemeyer, 2011).

No mundo acadêmico ainda hoje é comum ouvir-se falar sobre os cinco estágios do luto, de acordo com Kübler-Ross (1996). Esta psiquiatra suíça ficou conhecida por seu trabalho pioneiro sobre a morte, o morrer e o luto e dedicou sua carreira a estudar e compreender as experiências emocionais de pacientes em fase terminal. Seu livro mais famoso, "*Sobre a Morte e o Morrer*", publicado em 1969, introduziu o modelo dos cinco estágios do luto (negação, raiva, barganha, depressão e aceitação), que se tornou uma referência na área de cuidados paliativos e psicologia.

Embora tenha deixado esse aprendizado e ficado conhecida pelos "5 estágios do luto", no seu famoso livro, ela destaca uma abordagem centrada na escuta ativa e na empatia,

enfatizando a importância de oferecer um espaço seguro para que os pacientes em fase terminal possam expressar seus sentimentos, medos e preocupações sem julgamentos. A autora defende que o terapeuta, seja médico, capelão ou outro profissional, deve estar emocionalmente preparado para lidar com a morte e o morrer, mostrando-se disponível e sensível às necessidades do paciente (Kübler-Ross, 1996).

Hagman (2001) propõe uma revisão do modelo psicanalítico clássico sobre o luto, tradicionalmente baseado nas ideias de Freud, que compreendem o enlutamento como um processo intrapsíquico, centrado no desligamento afetivo do objeto perdido e no retorno do indivíduo à sua “normalidade” anterior. Hagman (2001) critica essa perspectiva pela ênfase excessiva no desligamento (decatéxis) e no caráter privado e padronizado do luto, argumentando que ela desconsidera a riqueza das experiências singulares e o papel fundamental das relações sociais e do significado compartilhado no processo de enlutamento. O autor sugere a construção de um novo paradigma, no qual o luto seja visto como uma experiência relacional, dinâmica e aberta, em que a continuidade do vínculo com o falecido e a reconstrução de significados se tornam centrais. Desta forma, Hagman (2001) propõe que o trabalho do luto não seja a simples superação da perda, mas sim a reorganização do self e da experiência do sobrevivente diante da ausência, integrando o falecido em sua vida interna e ressignificando sua trajetória a partir do impacto dessa perda.

Hagman (2001) sugere um papel profundamente transformado para o psicólogo no processo terapêutico do luto, em contraposição à abordagem tradicional. Em vez de atuar como um agente externo que incentiva o enlutado a romper vínculos e “superar” a perda — como ditava o modelo clássico —, o psicólogo é visto como facilitador ativo de um espaço empático e seguro, aberto à singularidade da experiência do paciente. O terapeuta, segundo Hagman (2001, p. 25), deve abandonar o foco na simples promoção do desligamento afetivo (decatéxis) e reconhecer que respostas tidas como “patológicas” podem ser tentativas válidas e significativas de manter a continuidade e encontrar sentido diante da perda. O psicólogo é, assim, chamado a investigar e apoiar o valor que o vínculo contínuo com o falecido tem para o sobrevivente, promovendo a reconstrução de significados e a reorganização do self ao redor dessa relação interna, e não apenas a busca de “finalizações” ou resolução por etapas.

Além disso, Hagman (2001) ressalta que os afetos do luto possuem função comunicativa e relacional; portanto, o psicólogo precisa estar atento não só à dor, mas também à expressão de outros sentimentos — incluindo alegria e orgulho —, validando a complexidade emocional do processo. A atitude terapêutica recomendada é a de empatia e suporte, funcionando como um ambiente de sustentação (holding), onde o paciente pode

explorar, ressignificar e expressar sua experiência única de luto, sem ser pressionado a se encaixar em padrões ou prazos normativos (Hagman, 2001).

Ao revisitar diversos autores clássicos para a compreensão do luto – de Freud, Klein e Lacan até perspectivas contemporâneas como as de Neimeyer e Hagman –, foi possível observar que o fenômeno do luto é atravessado por múltiplas dimensões subjetivas e relacionais. Da diferenciação freudiana entre luto e melancolia, passando pela elaboração do desejo e da falta em Lacan (o objeto “a”) e a dinâmica de reparação interna em Klein, até os olhares modernos que valorizam a reconstrução de sentido e a manutenção de vínculos, é possível perceber um mosaico conceitual rico, que se ramifica em diferentes modos de enfrentamento e elaboração emocional. Intervenções que valorizam a escuta, integração psíquica e apoio relacional, parecem favorecer não apenas o processamento da dor, mas também a transformação da experiência de perda e a abertura para novas formas de existência subjetiva. À luz dessas abordagens, permanece a indagação que orienta a pesquisa e prática clínica: afinal, quais são as evidências das intervenções psicanalíticas na elaboração do luto?

3 METODOLOGIA

Este artigo foi conduzido por meio de uma revisão narrativa da literatura, buscando investigar e descrever como as intervenções psicanalíticas têm sido aplicadas no tratamento do luto e quais as evidências registradas sobre sua eficácia. Conforme orientações metodológicas apresentadas por Minayo (2010), a revisão narrativa se destaca por permitir ao pesquisador reunir, contextualizar e analisar de modo crítico a produção científica existente sobre um determinado fenômeno, possibilitando uma abordagem ampla que não se restringe a critérios sistemáticos rígidos, mas foca na compreensão aprofundada do objeto investigado.

A construção desta revisão partiu de uma questão central: de que maneira as intervenções psicanalíticas têm sido utilizadas no manejo do luto e quais evidências apontam para sua efetividade? Para responder a essa questão, foram delimitados critérios de inclusão que contemplassem artigos publicados entre 2019 e 2025, cujos conteúdos abordassem intervenções psicanalíticas em contextos de luto. Os artigos foram mapeados em bases de dados acadêmicas amplamente reconhecidas, tais como Google Acadêmico e SciELO, utilizando descritores como "intervenções psicanalíticas no luto", "tratamento do luto em psicanálise", "luto e psicanálise", "estudos de caso de luto em psicanálise" e "eficácia terapêutica no luto em psicanálise".

Os estudos selecionados passaram por um critério de análise inicial. Após a aplicação dos filtros, foram identificados treze artigos, que posteriormente foram catalogados em fichas digitais. Essas fichas reuniam informações essenciais para a análise posterior: nome dos autores, ano de publicação, resumo, intervenções estudadas, principais pontos debatidos e dados sobre mensuração da eficácia e resultados, quando disponíveis. Esse sistema de catalogação permitiu uma visualização integrada do panorama de intervenções psicanalíticas mapeadas na literatura recente e uma seleção dos resultados mais relevantes para o objetivo deste trabalho.

A análise dos artigos seguiu uma abordagem qualitativa, na linha apontada por Minayo (2010), priorizando a descrição das contribuições teóricas e práticas identificadas nos estudos revisados, bem como o mapeamento de lacunas e possibilidades de aprofundamento em futuras investigações. O processo incluiu a categorização dos dados a partir de duas dimensões principais: intervenções realizadas (caso houvessem) e resultados obtidos, o que favoreceu uma discussão estruturada sobre a efetividade dos métodos psicanalíticos empregados.

Foi dada atenção especial às limitações relatadas nos estudos analisados, tais como a influência do contexto institucional (por exemplo, pesquisas conduzidas em ambientes hospitalares), a brevidade dos acompanhamentos clínicos e particularidades das amostras envolvidas. Essas observações contribuíram para um olhar crítico acerca da aplicabilidade, das potencialidades e dos limites do conhecimento atual a respeito das intervenções psicanalíticas voltadas ao enfrentamento do luto.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos treze artigos revisados evidencia a complexidade das intervenções psicanalíticas no tratamento do luto, tanto no âmbito clínico tradicional, individual, quanto em contextos ampliados por experiências sociais e fenômenos coletivos. O campo revela-se amplo em intervenções, dispositivos, cenários de aplicação e fundamentos teóricos, articulando questões que vão do sofrimento subjetivo à dimensão política e comunitária do luto. Essa multiplicidade permite detectar estratégias e respostas bastante diferenciadas às perdas, assim como pontos de convergência e divergência entre os autores estudados.

Entre os temas recorrentes, destaca-se a singularização do sofrimento e a recusa a protocolos universalizados e até padronizados. Autores como Simão (2019), Petrosino e Prudente (2024) e Santana (2024) sustentam que o trabalho de luto exige respeito ao tempo

singular do enlutado, atenção à trama de fantasias, histórias e vínculos que compõem a perda e à forma como cada sujeito pode, ou não, simbolizar a ausência do objeto perdido. Essa perspectiva é ilustrada nos estudos sobre o sofrimento materno (Simão, 2019), na transmutação da dor em criação artística (Petrosino; Prudente, 2024) e nos desafios do luto por suicídio, onde a escuta psicanalítica e o manejo ético da transferência tornam-se essenciais à sua elaboração (Santana, 2024). Nenhum dos estudos apresentou mensuração científica sistematizada, mas os autores destacam ganhos subjetivos, melhora na capacidade de simbolizar e uma abertura para o processo de elaboração do luto.

Ao analisar o luto em realidades marcadas pela violência policial, Morabito e Cremasco (2023) mostram como a perda violenta de jovens negros e marginalizados desafia o trabalho psicanalítico. Nessas situações, as mães enfrentam o apagamento simbólico das vítimas, a culpabilização pelos discursos oficiais e a ausência de oportunidades para rituais fúnebres, o que agrava o risco de estados melancólicos e a impossibilidade de aceitação da perda. Este artigo destaca a necessidade de dispositivos clínicos adaptados, como a Clínica do Testemunho ou conversas públicas, além do acolhimento da dor nesses contextos atravessados por racismo e desigualdade social. Ressalta-se que o luto, nesses casos, torna-se verbo e luta coletiva, convertendo sofrimento em resistência e busca por justiça (Morabito; Cremasco, 2023). Os resultados analisados, ainda que não mensurados de forma objetiva, proporcionaram espaços de reconhecimento, fortaleceram a solidariedade entre famílias afetadas e fomentaram uma elaboração coletiva do sofrimento, além de dar visibilidade social às suas demandas.

No ambiente hospitalar, Santos e Alvares (2021) situam a psicanálise como contraponto ao discurso médico dominante nas UTIs, propondo um campo clínico voltado à escuta da dor e da angústia dos familiares diante da iminência da morte. Essa escuta psicanalítica repercute na legitimação do sofrimento, reconhecendo o valor singular de cada sujeito, nas dimensões imaginária, simbólica e real, sem redução à objetividade dos sintomas. Trata-se de criar, mesmo em contextos de extrema imprevisibilidade, um espaço protegido que legitima o choro, a raiva e a subjetividade, ainda que os resultados clínicos não sejam garantidos ou plenamente mensuráveis (Santos; Alvares, 2021). Ao final, os autores relatam que a escuta qualificada favorece a expressão das emoções, promove o acolhimento do sofrimento e contribui para que os familiares possam experimentar o luto de modo menos solitário e com maior reconhecimento de sua dor, mesmo sem parâmetros objetivos de avaliação desses efeitos.

A revisão de Crozué (2023) agrega elementos sobre o risco de luto patológico, a importância da escuta, da transferência e do apoio à elaboração simbólica e à reabilitação emocional. A autora ressalta a necessidade de evitar a medicalização precipitada do sofrimento, defendendo que intervenções como psicoterapia de orientação psicanalítica e dispositivos de apoio ampliam a resiliência e combatem a tendência à melancolia ou depressão crônica (Crozué, 2023). No plano prático, metodologias que incluem a fala, o compartilhamento de sonhos, a análise cultural e o fortalecimento de redes de apoio emergem como facilitadoras da passagem pelas diversas etapas do luto. Embora não sejam apresentados resultados mensuráveis sistematicamente, é destacado que essas práticas propiciam aos enlutados uma maior capacidade de enfrentamento, expressão de sentimentos e reaproximação com o fluxo da vida, prevenindo estagnações emocionais prolongadas.

O contexto da pandemia de COVID-19 provocou transformações profundas nas formas de vivenciar, simbolizar e intervir sobre o luto, como discutem diversos autores contemporâneos. O agravamento das restrições aos rituais de despedida, o distanciamento social, a medicalização do luto e o impacto das experiências traumáticas lançaram desafios sem precedentes aos dispositivos psicanalíticos e à escuta clínica (Lo Bianco; Costa-Moura, 2020; Kallas, 2021). Em resposta, houve uma explosão de práticas inovadoras, que vão dos atendimentos online à criação de rodas virtuais de sonhos, escritas de diários, memórias digitais e intervenções remotas, destacando o esforço para resgatar dignidade, simbolização e laços mesmo na ausência dos rituais tradicionais (Lo Bianco; Costa-Moura, 2020; Rabêllo *et al.*, 2022; Baldini *et al.*, 2021; Bolgenhagen; Leonardi, 2023). Ainda que nem sempre tragam resultados mensuráveis, essas práticas favorecem uma maior expressão do sofrimento e proporcionam algum alívio subjetivo aos enlutados.

Importante destacar que, nessas experiências, observa-se um processo dinâmico de reinvenção das intervenções psicanalíticas. As rodas de conversa on-line voltadas para a escuta dos sonhos, por exemplo (Imbrizi *et al.*, 2021; Baldini *et al.*, 2021; Bolgenhagen; Leonardi, 2023), e a elaboração do diário de luto – entendido como ato criativo e testemunhal –, mostram o quanto as práticas coletivas podem abrir novas possibilidades de simbolização, reafirmando laços entre o sujeito, sua história e a coletividade (Rabêllo *et al.*, 2022). Como resultados, estas iniciativas, segundo os relatos dos autores, proporcionam aos participantes maior expressão emocional, sensação de acolhimento e, frequentemente, um alívio subjetivo diante da dor.

Seguindo nesse caminho, autores como Kallas (2021) e Bolgenhagen; Leonardi (2023) contribuem avançando na problematização da individualização do sofrimento. Kallas aponta

que, embora os desafios sejam imensos, a reflexão sobre o luto não pode se restringir ao âmbito psíquico individual: é preciso considerar o sofrimento partilhado, recorrendo a plataformas coletivas de escuta e elaboração, apostando no potencial de reinvenção social do luto como força política e restauradora. Bolgenhagen e Leonardi reforçam essa análise, indicando a importância da arte, da palavra e do testemunho público como formas legítimas de enfrentamento da dor e de resgate subjetivo frente ao apagamento institucional. Como resultados, em linhas gerais, estas alternativas produziram novas formas de reconhecimento social da dor, ampliando o alcance do suporte e o impacto do testemunho coletivo.

Autores como Lo Bianco e Costa-Moura (2020) e Baldini *et al.* (2021) acrescentam que o luto, nos tempos atuais, requer ser entendido muito além de uma adaptação privada diante da perda: trata-se de uma experiência que convoca reconfigurações do pacto coletivo, implicando dimensões éticas e políticas. Essa crítica contribui para tensionar a tendência, bastante presente na pandemia, de individualizar dores e fraquezas psíquicas, ao invés de promover espaços de ressonância partilhada e legitimação social do sofrimento. Observa-se, assim, que a abordagem coletiva do luto favoreceu maior visibilidade social do sofrimento e estimulou práticas de acolhimento mais inclusivas e solidárias.

As reflexões de Pereira *et al.* (2024) exploram as múltiplas formas de luto — tanto real quanto simbólico — que emergiram nesse cenário de pandemia, sublinhando como a ausência de rituais coletivos e de reconhecimento público dificulta a elaboração psíquica das perdas. Para além disso, enfatizam a importância especial da escuta acolhedora, da valorização dos espaços simbólicos e do uso ético de tecnologias para sustentar processos de elaboração do sofrimento, especialmente entre profissionais de saúde, grupos historicamente vulnerabilizados e familiares diretamente impactados. No conjunto, a experiência pandêmica tornou evidente que a reinvenção das práticas clínicas precisa caminhar junto com o compromisso pela dignidade, reconhecimento do sofrimento partilhado e promoção de compromissos simbólicos que fortaleçam os sujeitos frente às perdas. Como resultado, observa-se o fortalecimento de práticas colaborativas e de redes de apoio, potencializando a construção de novos sentidos e a resiliência coletiva diante das adversidades.

No diálogo entre análise do discurso e psicanálise, destaca-se o dossiê organizado por Baldini *et al.* (2021), que sublinha a dimensão discursiva, política e plural do luto na contemporaneidade. O luto, nesse contexto, aparece não apenas como vivência individual, mas como gesto coletivo de resistência frente à indiferença social. Tal resistência se concretiza através de diversas práticas, a exemplo de performances, preservação de memórias em ambientes virtuais, manifestações artísticas, realização de rodas de sonhos e atos públicos

de homenagem. Estas estratégias visam contestar o apagamento institucional das perdas, resgatando identidades, histórias e rostos que, de outro modo, permaneceriam relegados ao anonimato, reafirmando a importância do reconhecimento simbólico e do pacto coletivo na superação da dor (Baldini *et al.*, 2021). Assim, evidenciam-se resultados importantes dessas estratégias, pois permitem que o sofrimento seja acolhido coletivamente e a memória dos indivíduos perdidos siga presente no imaginário social. Além disso, tais práticas fortalecem laços, promovem redes de solidariedade e incentivam formas criativas de enfrentamento das perdas.

A pluralidade das práticas, contudo, também traz desafios e tensões: predomínio de relatos teóricos e qualitativos em detrimento de dados empíricos robustos; dificuldade em medir resultados em intervenções de curto prazo (por exemplo, nas UTIs ou em contextos de trauma coletivo); e a urgência de equilibrar escuta clínica individual com atuação social e compromisso ético-político diante de catástrofes e violências estruturais (Santos; Alvares, 2021; Morabito; Cremasco, 2023; Baldini *et al.*, 2021).

No conjunto, é possível observar que os autores convergem em não tratar o luto apenas como uma crise da saúde mental, mas como uma experiência transformadora e multifacetada. A psicanálise, ao reinventar dispositivos e permanecer atenta ao valor da escuta e do simbolismo, legitima o sofrimento, acolhe a dor coletiva e promove resistência à medicalização, silenciamento e banalização da perda (Lo Bianco; Costa-Moura, 2020; Morabito; Cremasco, 2023; Petrosino; Prudente, 2024; Simão, 2019; Rabêlo *et al.*, 2022). A tensão entre o singular e o coletivo, o clínico e o político, permanece; mas é nesse território fértil que emergem contribuições teóricas e práticas para sustentar sujeitos e coletivos diante das urgências do presente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos treze artigos revisados permite refletir de modo crítico sobre a eficácia das intervenções psicanalíticas no contexto do luto. Fica evidente que, embora a psicanálise disponha de recursos valiosos para acolher e compreender as múltiplas formas de sofrimento vivenciadas por pessoas enlutadas, há uma predominância de relatos clínicos, revisões teóricas e estudos qualitativos que apontam para avanços subjetivos—como a mobilização de sentidos, a ressignificação da ausência e a gradual retomada de projetos. No entanto, o debate em torno dos resultados ainda se apoia em evidências mais descritivas e interpretativas, carecendo de comprovação empírica sistematizada.

Entre os principais pontos positivos, vale ressaltar a ênfase da psicanálise na individualização da experiência do luto, com a recusa a protocolos rígidos ou classificações patológicas apressadas. Isso emerge como uma força, ao adaptar o cuidado ao ritmo de cada sujeito e sustentar um espaço de escuta livre de julgamentos, o que favorece a elaboração singular do sofrimento. Destacam-se também os exemplos de intervenções simbólicas — como a elaboração artística, a escrita, a análise dos sonhos e as práticas de grupos oníricos — que ampliam as possibilidades de expressão psíquica e promovem novos significados para a perda.

Por outro lado, notam-se lacunas relevantes nos achados revisados. A ausência de dados empíricos sistematizados impede afirmar a efetividade das práticas psicanalíticas para além dos relatos e da tradição teórica. Pontos como o impacto comparativo entre abordagens, indicadores de melhora mensuráveis ou estudos longitudinais permanecem pouco explorados. Essa fragilidade metodológica limita a generalização dos resultados e dificulta o fortalecimento da validade externa da abordagem.

Ainda assim, percebe-se que os estudos reforçam a validade da psicanálise enquanto campo sensível à complexidade do luto, especialmente em situações traumáticas (pandemias, suicídio, perdas abruptas), onde o respeito à singularidade e à temporalidade subjetiva oferecem condições éticas e criativas para o trabalho clínico. Ao considerar tanto os determinantes culturais quanto os impasses do inconsciente, a psicanálise se destaca ao favorecer caminhos não universalizantes para a superação das perdas.

Como inspiração para o futuro, é importante considerar que a ampliação de pesquisas empíricas bem delineadas — quantitativas, qualitativas e mistas — poderá enriquecer o diálogo entre a clínica psicanalítica e o campo científico, ancorando ainda mais as práticas na experiência do enlutado e expandindo suas possibilidades de validação. Além disso, a troca com outras vertentes terapêuticas pode abrir horizontes para criações conjuntas em prol do cuidado à saúde mental no luto.

REFERÊNCIAS

BALDINI, Lauro José Siqueira.; RIBEIRO, Thales de Medeiros.; NASCIMENTO, Elisa Mara. Versões do luto: análise do discurso e psicanálise. **Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, SP**, v. 63, p. e0210044, 2021. DOI: 10.20396/cel.v63i00.8668287. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8668287>. Acesso em: 3 maio. 2025.

BOLGENHAGEN, Rosely.; LEONARDI, Liliana Cremaschi. **Luto sob o contexto da pandemia de COVID-19 à luz da psicanálise**. São Paulo: Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas, 2023.

CROZUÉ, Rosângela de Fátima Benete.; NAVES, Nayara Tiemi. **O impacto do luto na vida das pessoas e o despertar por meio da psicanálise**. Valparaíso de Goiás: Faculdade Anhanguera, 2023.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Teoria do luto em psicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/226/154> . Acesso em: 13 maio 2025.

EIZIRIK, Cláudio Laks.; AGUIAR, Rogério W.; SCHESTATSKY, Sidnei S. **Fundamentos teóricos e clínicos**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. Rio de Janeiro: Imago, 1917.

HAGMAN, George. Beyond deathecis: Toward a new psychoanalytic understanding and treatment of mourning. *In*: NEIMEYER, R. A. (Ed.). **Meaning Reconstruction & the Experience of Loss**. Washington, DC: American Psychological Association, 2001. p. 13-31.

IMBRIZI, Jaquelina Maria *et al.* Produção onírica e trabalho de luto em contexto pandêmico. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 63, p. e8665134, 2021. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v63i00.8665134>.

KALLAS, Marília Brandão Lemos de Moraes. Psicanálise, sonhos e luto na pandemia. **Reverso**, Belo Horizonte, n. 43, p. 79-92, maio 2021. Acesso em: 12 maio 2025.

KLEIN, Melanie (1940). **O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos**. São Paulo: Imago/Ubu, 2023.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 10: A Angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LO BIANCO, Anna Carolina.; COSTA-MOURA, Fernanda. Covid-19: luto, morte e a sustentação do laço social. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, p. 1-11, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003244103>. Acesso em: 10 maio 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MORABITO, Julia Tocalino.; CREMASCO, Maria Virginia Filomena. A polícia brasileira já foi considerada a mais letal e frequentemente alveja jovens negros marginalizados. **Psicologia Revista**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 459-484, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2023v32i2p459-484>. Acesso em: 10 maio 2025.

NEIMEYER, Robert. Retomada de sentido no luto: resumo de um programa de pesquisa. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 7, n. 2, p. 422-426, 2011.

PEREIRA, Celso Venter.; SOBRAL, Karla Roberta Luna.; SILVA, Gerson Heidrich da. Os lutos real e simbólico em tempos de pandemia da Covid-19 sob o olhar da psicanálise. **O cuidado em saúde baseado em evidências.**, v. 4. São Paulo: Editora Científica, 2024. p. 189-199. ISBN 978-65-5360-582-4. Disponível em: <https://www.editoracientifica.com.br>. Acesso em: 13 maio 2025.

PETROSINO, Victor César Simão.; PRUDENTE, Regina Coeli Aguiar Castelo. Psicanálise e arte: a elaboração do luto por meio da sublimação. **Cadernos de Psicologia**, Juiz de Fora, v.6, n. 11, p. 283-301, jul./dez. 2024. ISSN 2674-9483.

RABÊLO, Fabiano Chagas *et al.* Diários de luto: um diálogo entre psicanálise e literatura em tempos de pandemia. **Estudos Interdisciplinares**, v. 11, n. 3supl, p. 28-44, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/2236-6407.2020v11n3suplp28>. Acesso em: 15 maio 2025.

SANTANA, Gabriel Moreira. **Luto dos familiares sobreviventes ao suicídio: uma reflexão sobre atuação do psicólogo na clínica psicanalítica.** 2024. 43f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário de Miracema do Tocantins, Miracema do Tocantins, 2024.

SANTOS, Gabriel Abbade dos.; ALVARES, Lucas Bondezan. **O lugar da Psicanálise na prática com familiares enlutados na Unidade de Terapia Intensiva.** Presidente Prudente: Universidade do Oeste Paulista, 2021.

SIMÃO, Maria da Conceição Ferreira. **A compreensão da psicanálise na vivência do luto materno frente à perda do filho idealizado.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia). Juazeiro do Norte: Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, 2019.